

O CAMINHO PEDAGÓGICO DA ESCOLA: DA SALA DE AULA PARA O PROJETO POLITICO LOCAL

Prainha do Canto Verde comunidade de pescadores localizada em Beberibe Ceará, com antecedentes libertados pelo senhor da casa grande¹ construíram família na beira da praia. Isolados das grandes vilas, sem energia e sem estrada, ligados pelo parentesco bem próximo². Uma pequena escola foi construída em 1980, durante o dia as crianças aprendiam a ler e a noite as mulheres e seus maridos no curso de alfabetização de adultos o MOBREAL. O tema gerador TERRA levou a descoberta do fato que moveu todo o cotidiano na comunidade, como conteúdo de aprofundamento curricular e político, relacionando as informações de conteúdo escolar com as questões sociais, no caso, as invasões imobiliárias. Foi se formando a partir daquele contexto, um processo histórico de participação que transformou cultural, social e politicamente todos os moradores e em consequência a comunidade com cerca de cento e quatro famílias, na época.

A identificação daquela situação como problema, aprofundado, extrapolou os espaços da escola e se tornou ponto de pauta para se promover uma reunião entre outras tantas que se seguiram dali em diante. Assim, as várias estratégias que deveriam dar conta da continuidade do tema TERRA, foram estudadas na sala de aula, e se caracterizaram como uma luta comunitária. No decorrer dos dias discutimos, formulamos e nos constituímos em um grupo de reflexão com a tarefa também de ampliar o envolvimento e integração dos demais no processo. Os educandos³, na sala de aula, produziam conhecimentos, novas lições, que tomavam corpo na comunidade e os impactos surgiam nos botequins, nas viagens em alto mar, nas conversas de beira de estrada, nos transportes pelos caminhos, em fim por todos os espaços. A cada discussão dali em frente, a referencia estava sempre direcionada para a posse da terra. Gerou-se nas conversas os dois lados, os que consideravam importante iniciar uma luta de resistência por que se compreendiam os verdadeiros posseiros da terra e por que consideravam a imobiliária como agressora e

¹ Data do século XVIII, Senhor de escravos José Félix. Fonte (oral): Tia Boi.

² Todos de uma só relação familiar.

³ Eu como professora me fiz junto a eles, educanda também, aprendendo a “ler o mundo”, só me dei conta depois.

exploradora. Os que defendiam a imobiliária acreditavam que ela traria o “progresso”. Surgiu daí o conflito causado pelas diferenças de ponto de vista, posições políticas que geravam como consequência, novas atitudes, posturas e interferiam nos relacionamentos familiares.

Diante da urgência de buscarmos somar forças em favor da luta pela terra, criou-se, pelo cuidado de não desperdiçarmos energias, a necessidade de identificar os amigos e os inimigos, diante da luta⁴ embora estes fossem a principal mola que impulsionava a continuidade da luta⁵. Construímos parcerias, ampliávamos nossas relações na busca de apoios e aliados. “(...) *precisamos estar convencidos de que o convencimento dos oprimidos de que devem lutar por sua libertação não é doação que lhes faça a liderança revolucionária, mas resultado de sua conscientização.*” (FREIRE; 1983;58). Aprendemos a ouvir e refletir com muita atenção, na convivência do dia a dia, nas rodas em torno das cozinhas, ruas, na sombra dos oitões nos finais de tardes, nas novenas construímos confiança, e nos tornamos conhecedores das histórias de vida de cada um, seus gostos e suas crenças, ao mesmo tempo, trocar idéias e pensar encaminhamentos, avaliar e planejar continuidade, desarmar ou enfrentar novas reações e principalmente persistir em trabalhar os estímulos, em cada momento de nossos encontros. Desenvolvemos a percepção emocional e aprendemos a ler reações, valorizar cada pequena expressão física e subjetiva emitida entre as falas e as expressões faciais, a “linguagem do corpo”. “(...) *A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, “ação cultural” para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles.*”(idem;57). Respirávamos a luta, tudo se dava em função dela. Ao mesmo tempo em que “*o projeto local*”, referido por Teixeira, era discutido, uma transformação pessoal ia acontecendo dentro de cada um de nós individualmente, levando-nos a nos perceber como “*sujeitos responsáveis pelo processo*”, como nos diz Paulo Freire.

O primeiro sentimento que descobrimos juntos, a partir dali, foi o da auto estima. Nos ver sendo construtores, responsáveis por aquele processo, capaz de efetivar mudanças e reconstruir valores “singulares” especiais⁶, que se somava aos demais e causava um efeito multiplicador de energias, era o agradável retorno. Uma sensação de força, de poder, que impulsionava nossa ação, mantendo e dando continuidade à luta pela terra. “(...) *Ao*

⁴ A prefeitura estava aliada a imobiliária.

⁵ Essa visão só nos veio bem mais tarde, a principio nos causava muito sofrimento.

⁶ O de se ver como pessoa bela, bonita, muito bonita.

alcançarem, na reflexão e na ação em comum, este saber da realidade, se descobrem como seus refazedores permanentes” (idem,61). Surgiu entre nós, compositores que falavam da cultura local e da luta como as músicas produzidas pelo pescador Zé da Nega, Valtécio, Geraldin, ainda naquele período. Uma demonstração de entendimento e propriedade sobre as questões do dia a dia.⁷

Toda motivação inicial para a participação comunitária teve como base os princípios da educação formal, a escola, o aprender a ler, escrever e a espiritualidade. Havia uma clareza pedagógica, de que a comunidade precisava ser estimulada a gostar da escola e continuar nela. Mais adiante, também na escola, veio a construção do pensamento comunitário, nele formulamos e reformulamos opiniões, planejamos e fortalecemos idéias.

“(…) Dois momentos da pedagogia do oprimido como pedagogia humanista e libertadora; O primeiro, os oprimidos desvelam o mundo da opressão e na práxis se comprometem com a transformação. O segundo, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido, e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação”. (FREIRE; 1987, 23)

Na experiência localizada de Prainha do C. V. a base metodológica partiu da valorização da pessoa com o seu jeito próprio de ser, a sua beleza, o seu saber e os seus limites. Era pra nós mesmos que nos arrumávamos com as nossas melhores roupas e com o nosso melhor cheiro de sabonete e desodorante⁸. Os nossos costumes eram comuns e as nossas dificuldades eram as mesmas.

Os instrumentos pedagógicos como a escola, as reuniões, as rodas de discussão, onde as reflexões de textos bíblicos eram direcionadas e interpretadas considerando cada situação, tiveram a pretensão de instrumentalizar o fortalecimento de nosso objetivo além de proporcionar interação, estudo sobre o problema, dar conhecimento aos demais e promover segurança á ação política. Buscou a compreensão para a importância do discutir as dificuldades da vida juntos, em reunião, para isso a conexão histórica de elementos

⁷ “Comunidade pai d’égua / Como essa ai eu não tinha visto não / Comunidade na luta enfrenta guerra / E na luta da terra não perdeu uma questão. / Quando chego perto da comunidade / Sinto a força chegar perto de mim / Então eu digo vamos dar as nossas mãos / Unir nossos corações / Comunidade é assim. / Quando me acho preocupado / Meto a cabeça no mundo / Viro azavesso a cidade / Pode vir juiz e prefeito / Mais não derruba a nossa comunidade. / Derruba não, não, não, não, não... / Mais não derruba a nossa comunidade.” Zé da Nega - pescador, se refere a força que as reuniões proporcionavam.

⁸ Quem podia, por que isso também na época, era privilégio.

presentes na vida comunitária com a dos personagens bíblicos em seus diferentes contextos foi indispensável como estratégia. O processo de organização foi compreendido como a necessidade de aproximar e envolver todos os moradores em diálogo constante em torno da questão eleita de forma explicitada ou subjetivamente compreendida como prioritária. E estas foram várias no decorrer do processo. Uma consequência considerada estratégica, nesse fazer, foi a sacada que tivemos enquanto grupo comunitário⁹, de nos fazer um grupo para pensar os constantes desafios surgidos a partir daquele momento. A luta pela conquista da terra se tornou o rumo de todas as nossas ações. A ação coletiva passou a ser perseguida como estratégia de luta. Ao nos olhar em torno de uma roda em discussão, nos fortalecíamos primeiro por haver conseguido reunir a comunidade, e pra isso também todo um cuidado de como expor as falas na reunião e de encaminhar pedagogicamente, todas as contribuições e provocações para o nosso objetivo. Segundo, pela possibilidade de alcançar todos ali com o diálogo¹⁰ que se valia dos textos bíblicos e de outras questões relacionadas com a vida na comunidade como a saúde, a educação, a festa do padroeiro, a regata, a alimentação, para trabalhar direitos sociais, valores culturais e despertar credibilidade, mostrar a relação daqueles pontos com a questão maior, acima de todos eles, o direito à terra.

Todos os mecanismos estimuladores da participação partiram das relações de “*respeito pelo outro*” e portanto “*ouvir e valorizar sua fala*”, recomendação de Paulo Freire como contribuição importante em cada momento por pequeno que fosse. Desenvolvemos a capacidade de compreender e respeitar as reações despertadas nas pessoas diante das questões colocadas, abrindo espaços e possibilitando que elas tivessem o seu direito de fala expressando suas opiniões, refazendo e “desconstruindo” cada questionamento suscitado pelo impacto das discussões iniciais, através do diálogo.

A prática da convivência como elemento inicial trabalhado no começo das relações por nós estabelecidas, possibilitou compreender a visão de coletivo, identificando os pontos iguais e as diferenças. Essa leitura pelos outros¹¹ naturalmente era de sermos um grupo organizado, de muita força e de muita coragem. Essa “aparência” embora de muito valor simbólico, nos causava um grande sofrimento porque sabíamos entre nós, que essa era uma

⁹ O grupo que se manteve como animador e responsável pelo processo, da luta da terra.

¹⁰ (...) ato de criação. Pedagogia da Oprimido, FREIRE:1983.

¹¹ Pessoas de outras comunidades.

grande meta ainda a ser alcançada, uma tarefa e um desafio constante a ser perseguido, ou seja, a conquista da confiança, da amizade, da credibilidade¹² das pessoas em sua maioria, sobre os benefícios que a luta da terra nos traria.

Os caminhos¹³ aos poucos foram se abrindo e se incluindo a partir da percepção que aos poucos em nós se ampliava, nas brechas que surgiam em nossa frente, presentes no cotidiano e colocados como desafio no nosso fazer educativo. A cultura local enriquecida pelos costumes herdados historicamente e presentes nas posturas, modo de sentar e da falar, nos preconceitos, no cantar, no jeito de fazer e de alimentar-se, na ausência de formalidades e na presença das crenças religiosas, foram valores reconhecidos, respeitados na vida da comunidade e trabalhados como potencial no fortalecimento do fazer coletivo.¹⁴

O exercício da continuidade da ação dependeu basicamente da confiança estabelecida no grupo, das relações de amizade, da segurança no porque fazer e da habilidade do aprender a ouvir, dialogar com as diferenças e refletir¹⁵, partindo da referencia entre o nosso objetivo maior, a luta pela conquista da terra, e os resultados alcançados naquela ação específica.

“A caminhada de P.C.V. (filmada em fevereiro de 1985) fez parte do programa produzido pela rede de televisão da BBC. Acompanhando a problemática brasileira. Foi apresentada como exemplo da agressão a que está sujeita a população pobre no Brasil. Em carta dirigida ao CDPDH, o seminarista Jose Carlos Aguiar de Sousa, brasileiro que estuda no Instituto missionário de Londres informou, que a historia de Prainha do Canto Verde teve grande repercussão na Inglaterra” (TERRA LIVRE GENTE LIVRE: 1985.)¹⁶

¹².Uma condição indispensável para o trabalho coletivo de acordo com Paulo Freire.

¹³. Que chamamos teoricamente de estratégias.

¹⁴. A tia Boi, com raízes nos negros libertos pelo Senhor de engenho, José Félix, era a mulher mais idosa da comunidade, contadora de histórias das origens das famílias da comunidade, de contos e lendas da praia. Morava em uma casinha de palha, chão batido de barro, fumava um cachimbo de fumo de rolo, andava encurvada pela idade apoiada na sua bengala de vara. Fazia parte da paisagem. Nas tardes frescas caminhava pela areia do morro até a praia, ao redor de seus bisnetos e tetranetos. A fonte de energia de todos nós, era o sol de dia e a lamparina de querosene de noite. Deitadas na areia, no oitão do lado nascente onde a sombra se estendia cada vez mais esfriando e refrescando o clima, cativante e acolhedor, estendiam-se de bruços deixando as pernas relaxadas em suaves balançados como se estivessem num nado em um imenso lago. Aquele quadro aos poucos foi ficando cada vez mais distante. As notícias tidas como trágicas eram as brigas de marido e mulher por causa do Bar das “meninas” casa de diversão freqüentada pelos pescadores, construído no pé do morro o famoso “Vai Quem Quer”. As novas conquistas dos “garanhões”, as separações e novas uniões. As crianças copiavam seus pais arrastando pelo chão os chinelos que figuravam jangadas pelo mar. Costumavam brincar nas pequenas lagoas de água de chuva, onde improvisavam as jangadas com armações de velas de saco plástico perfuradas com palitos de coqueiros “os do seu Dimilsim”, presas nas sandálias japonesas que serviam de minúsculas jangadas. Lá elas treinavam o conhecimento dos ventos, suas posições, as manobras, como sair e como encalhar, porque as jangadas podem virar, quando é que as jangadas deslizam no mar com mais rapidez enfim, os segredos da profissão de pescador que os pais comentavam não desejar para eles.

¹⁵. O que chamaríamos hoje de avaliar.

¹⁶ Matéria divulgada no jornalzinho do movimento Terra Livre gente Livre.

A receptividade e a afinidade nas idéias e propósitos, propiciada pelos companheiros de outros movimentos e comunidades nas visitas solidárias e nos encontros realizados no decorrer dos primeiros passos da luta, nos permitiu sentir convicção, segurança no fazer e persistir na condução do processo de organização comunitária. O crescimento pessoal de todos nós enquanto grupo, se deu com a participação no movimento coletivo, e esses procedimentos integrou o indivíduo no coletivo, gerou novos elementos, novos hábitos na cultura local, nas costumeiras conversas entre as pessoas já não se falava somente sobre os fatos corriqueiros do dia a dia como foi antes, mais neste se incluía o momento presente, discussões sobre a conquista da posse da terra, os possíveis prejuízos ou benefícios diante de tais resultados. Nas discussões, havia um desenvolvimento de pensamento lógico, o que se pode chamar de discussão política, gerado pela luta da terra e presente nessa postura o que viria a se tornar um processo permanente de aprendizado¹⁷. Novos hábitos estavam se gerando partindo da prática de participação dos moradores em comunidade, a visão política não era mais a mesma, “o poder da ação local” citado por Teixeira (2001), estava gerando e reconstruindo um novo saber aliado a uma perspectiva de ver o mundo com um outro olhar. A busca constante de encontrar formas de manter a comunidade integrada em torno da luta, mesmo com discordâncias de ponto de vista, gerou a necessidade de ampliar o grupo de apoio e fortalecer as forças do grupo pensante. Partimos então para a criação de grupos específicos; mulheres e pescadores, jovens e crianças. O nosso ponto de equilíbrio era o princípio da organização em grupo; a negação do individualismo centrado no exercício da produção coletiva que promove a convivência e a solidariedade, com o respeito às diferenças e os valores da união no fazer e crescer juntos rumo às metas e aos objetivos comuns a todos, a luta pela conquista da posse da terra.

As discussões das mulheres, por exemplo, dava conta da autonomia na produção e comercialização de artesanato, o labirinto, eliminando atravessadores. Quantas reuniões foram promovidas pelas mulheres, motivadas pela tomada de posição e de visão crítica que o grupo foi adquirindo quando teve nas mãos a oportunidade de gerenciar o seu negócio! A administração dos recursos, a compra de material, a divisão de tarefas, a identificação do perfil de cada uma do grupo considerando a prática ou o conhecimento específico na produção. A capacidade criativa e de conhecimento sobre o como fazer o produto e as

¹⁷. Só depois de muito tempo é que me dei conta disso.

relações pessoais eram identificadas como os principais critérios para a participação de outras mulheres no grupo. A transparência na administração do capital investido, foi ponto de intenso aprendizado pelo grupo. Quando levantaram questão exigindo serem todas elas sabedoras de como se deu o emprego do dinheiro na compra da matéria prima, desenvolveram ao mesmo tempo o sentimento de posse e de apropriação pela condução do projeto gerando responsabilidade. O capital de giro havia sido doado pelo Ceris¹⁸. Um dos aprendizados refletido depois pelo grupo foi a descoberta de que deveria haver um controle de todo o grupo sobre a gestão financeira e que todas deveriam ter clareza do que queriam com aquele projeto e até onde poderiam ampliar a produção com o cuidado de afastarem o atravessador que ganhava fácil acima do trabalho produzido por elas.

O grupo de pescadores motivado a princípio pela Colônia de Pescadores, analisava as dificuldades da profissão, buscava a melhoria dos custos com os investimentos de pesca na venda do produto. Alguma coisa faltava e foi percebido pelo grupo de pescadores da Prainha do Canto Verde que já vinha em uma discussão que apontava para a necessidade de organização da classe. A Igreja deu visibilidade com a conquista da pastoral do pescador em 84. Essa conquista na área Arquidiocesana se deve à participação dessa comunidade nas Assembléias. Um dos grandes passos seguintes à criação da pastoral do pescador foi a articulação entre os demais pescadores nas praias vizinhas se estabelecendo o movimento a nível Municipal ou de Colônias¹⁹, até se integrarem, até hoje, ao Movimento Nacional²⁰.

As habilidades com os jovens, geradas na escola, aprender a bordar nos panos de prato, aproveitando horários disponíveis, possibilitava abrir um espaço de discussão que levou a realização de vários encontros regionais, em intercâmbios com jovens de outras comunidades. À luta da Terra, acrescentou: o interesse deles pelas atividades em grupo, sair da visão limitada do local e ampliar as amizades entre as localidades vizinhas. Essa vivência trabalhava a socialização, o fortalecimento das relações pessoais. A afinidade identificada nos momentos de reflexão e do lazer, abria a visão para descobertas e atitudes nas formulações ou compreensão de conceitos das posições políticas de cada um, e os

¹⁸ . Centro de Estudos Religiosos e Investigação Social, que apóia pequenos projetos para grupos iniciantes em processo organizativo.

¹⁹ . As Colônias de pescadores é a forma oficial de organização da Classe.

²⁰ . Carlos Alberto o Beto na época era uma criança que participava da luta brincando pelo meio dos adultos na hora das reuniões, e hoje compõe a diretoria do MONAPE – Movimento Nacional dos Pescadores.

remetia de volta em um movimento de ação concreta, de interação e inserção na sua própria realidade.

Com as crianças um trabalho de socialização partindo das brincadeiras de época, pequenas jangadas nas lagoas que se formavam durante os invernos nas baixas do pé de morro ou durante os dias de domingo as famosas maratonas pelos morros o almoço coletivo de todas as crianças da comunidade, organizado com a participação das professoras e dos pais. A grande motivação era a diversão, o brincar junto, que se dava nas corridas pelos morros aos domingos com a tarefa de ver quem conseguiria juntar mais grossar.²¹ As crianças estavam muito presentes nas discussões, ficavam atentas para ouvir o que outras pessoas conversavam fora das reuniões, e traziam para seus pais as informações que muitas vezes nos ajudava a montar estratégias para os conflitos que eram diários. A descoberta do valor da participação das crianças na luta condicionava que elas fossem consideradas participantes integrantes também no trabalho de educação diferenciado²². Era fato que para se tornar um participante ativo, responsável e consciente precisava que, elas se descobrissem como pessoas importantes e insubstituíveis no processo. O primeiro passo foi conduzi-las a sentirem orgulho de morarem naquele local, se verem inseridas e parte integrante da sua cultura, sem se intimidar diante do diferente. O trabalho de fortalecimento dos sujeitos vivenciados com os adultos, não poderia ser o mesmo com as crianças. Nas salas de aula combinamos a grande caça aos grossar, pelas paradas na corrida pelos morros, paradas estratégicas pra falar das lendas e dos contos da Tia Boi, valorizando a cultura local, além de trabalhar as dramatizações realizadas nas atividades escolares e nos eventos religiosos como a semana santa. Pedagogicamente era conduzida a valorização das opiniões individuais, na prática da convivência em grupo com finalidade de elevar a auto estima e a criticidade em cada um. Tudo girava em função da luta pela terra. Era estratégico que os inimigos fossem sabedores de que éramos muitos e que nos mantínhamos unidos. Quanto a estarmos organizados, para nós, não era clara essa percepção embora quem nos olhasse de fora admitisse isso. Esse desafio constante parecia pesar nas nossas costas²³. A responsabilidade maior e direta era dividida entre o grupo que não era grande.

²¹. Espécie de marisco da família dos carangueijos.

²² . A atividade da Festa do Grossar foi o que veio na imaginação considerando que era uma atividade ligada a cultura deles e não levada a sério, mas uma diversão.

²³ Havia muitas reuniões do grupo para pensar a condução da luta.

Da sala de aula para o projeto político local

Os aprendizados surgiam a cada dia, entre eles, que em um trabalho de grupo, é importante que todos pensem e ajam de forma sintonizada; que não pode deixar de existir clareza ideológica, confiança e companheirismo; que numa comunidade de muitos, um grupo forte mesmo pequeno, pode possibilitar transformação social, cultural e política. As diferenças comportamentais entre os componentes de um grupo ao serem trabalhadas pedagogicamente se tornam elementos de enriquecimento e definição das relações que ajustam os espaços de competências entre os participantes. Um outro aspecto foi enxergar o poder público, ampliar a visão. Ver de que lado ele se colocava. Identificá-lo como “inimigo”²⁴ que se articulava com a imobiliária e impiedosamente agiam em comum acordo, motivados pelos mesmos interesses, o fortalecimento do poder econômico. Essa descoberta conduziu o grupo a olhar em torno e perceber a realidade da estrutura social, da distinção de classes e do poder do capital. Ganhamos um conhecimento novo, mais uma vez, e descobrimos com decepção que pessoas como nós da nossa localidade ficavam, do lado dos nossos opressores, a imobiliária. “(...) *enquanto não chegam a localizar o opressor concretamente, como também enquanto não chegam a ser “consciência de si”, assumam atitudes fatalistas em face da situação concreta de opressão em que estão*”. (FREIRE:1983;52)

A nossa clareza cada vez mais aumentava e estrategicamente nos mantínhamos unidos, mesmo diante do quadro de termos parentes convivendo na mesma situação, na mesma família e comunidade, compartilhando da mesma estrutura de vida, e fazendo oposição servindo a um comando contrário. A descoberta mais dolorosa foi a de que o poder econômico pode manipular e se utilizar desse poder para destruir relações e produzir monstros pobres no meio dos pobres, capazes de negar sua cultura e sua própria história. (...) *agredem, como opressores, o opressor nos oprimidos*. (Idem, 53).

A escola que promoveu a discussão sobre a realidade local, que gerou a luta da terra, estava agora promovendo um contexto novo, o da descoberta dos comportamentos individuais, que podem ou não mover e unir pessoas em torno de interesses comuns, os elementos que aproximam ou interferem na luta pelo poder, enfim perceber os aspectos que

²⁴ O opressor.

determinam posições políticas presentes no cotidiano. A escola produzia a partir dali, “os trabalhos educativos”²⁵, e se traduziam em novas posturas, buscava respostas para as dificuldades encontradas, com vistas ao grande objetivo político, a luta pela terra, com uma visão mais ampla, com atitude e determinação de um povo que encontrou na valorização da sua cultura local a argumentação lógica para resistir, diante da desigualdade social. (...) *Da condição de alunos ouvintes para agente criativo, apropriado e promovedor de elementos novos.... Elevando a auto estima a leitura critica e conseqüentemente a condição de sujeito que atua reformula e constrói historia considerando o novo contexto. GADOTTI:1986.*

Nunca mais a Prainha do Canto Verde foi e nem será a mesma. O processo continuado de organização da comunidade requer no contexto atual, que os princípios da organização de grupos não se distancie dos valores comunitários. O modelo econômico Turismo Sustentável na comunidade, hoje, trabalha os fortes valores construídos no contexto entre a escola e a luta pela conquista da terra. Busca continuar investindo nos valores comunitários, construídos no início da luta pela terra. Em avaliação e planejamento de atividades, realizada em três momentos início 06 de maio de 2007. 19 e 20 de outubro do mesmo ano, foram destacados como **aspectos positivos** do movimento na comunidade: Acesso a recursos financeiros para alguns projetos; Existência de um núcleo forte que tem garantido a existência da organização (grupos familiares); Capacidade de refletir (analisar) sobre a sua realidade; Existência dos grupos temáticos. Os **aspectos menos positivos**: Ausência do espírito comunitário e de participação parte da maioria dos grupos (e moradores); Desvalorização dos processos coletivos; Pouca rotatividade nas tarefas; Ausência de novas lideranças; Ausência de um **Projeto Político** coletivo; Concentração de poder e de informações em pouca pessoas; Desvalorização da luta da **terra** pela maioria dos grupos; Dificuldades de diálogo com os diversos sujeitos da comunidade; Ausência das mulheres nos momentos de reflexão política; Pouca **Avaliação e Planejamento**.

A comunidade possui uma herança histórica de luta, que conduz a uma prática de trabalho voltado para a inclusão de seus moradores nos espaços sociais e econômicos sem perder de vista sua herança cultural, costumes e valores, preocupada com a continuidade do processo de apropriação de seus moradores pela sua história de luta e de organização, com

²⁵ Atividades extras curriculares “...que devem ser realizados com os oprimidos, no processo de sua organização.” Paulo Freire: 1983;44.

momentos de reflexão sobre os novos contextos, avaliação e envolvimento da nova geração, novos cidadãos da comunidade, crianças jovens e adultos.

A Prainha de hoje ainda se compõe por alguns dos pais daquela época²⁶, estão no Conselho da Terra²⁷. Os filhos deles que foram as crianças da festa do grossar primeira geração educada na luta, estão envolvidos nas aulas de educação religiosa, nas comissões que integram o processo de educação que pretende garantir; o respeito, a cultura, o cuidado com a qualidade de vida dos moradores e a preservação da terra para todos os moradores, como foi no começo. Trabalham na perspectiva de ordenar as casas, tratar a água, gerar renda, cuidar do meio ambiente, zelar pelos espaços que possuem, conviver com os conflitos e vencer os novos desafios. Os filhos destes, netos dos primeiros, e segunda geração depois da luta da terra, estão vendo seus pais atuando em momentos políticos de diversas dimensões, desde a participação local até as de nível regional e nacional como é o caso do Beto filho do Pilé e da Veinha²⁸ que constitui a diretoria nacional do MONAPE-Movimento Nacional dos Pescadores.

O grupo da luta pela terra está perpassando gerações novas contribuindo com toda sua experiência para a construção de uma nova visão de mundo. O critério *para se saber se alguém aprendeu algo*, segundo Aristóteles, *está na capacidade de ensiná-lo*. Em 14 de março de 2006 em Brasília, o Supremo Tribunal de justiça fez votação unânime em favor da comunidade. Prainha ganha a questão na justiça contra a imobiliária.

É fato que a Escola Bom Jesus dos Navegantes em Prainha do Canto Verde transportou seus alunos do curso do MOBREAL em 1981 para uma visão crítica de mundo, transformou hábitos, cidadãos, promoveu a construção de um projeto político local²⁹. A ação pedagógica em Prainha do C. V. formou sujeitos críticos. (...) *ao alcançarem, na reflexão e na ação em comum, este saber da realidade, se descobrem como seus refazedores permanentes... a presença dos oprimidos na busca de sua libertação, mais que pseudo-participação, é o que deve ser: engajamento.*” (FREIRE:1983;61).

²⁶ Alguns daquele grupo já partiram.

²⁷ Conselho setorial.

²⁸ Família com perfil de referência coletiva construída no decorrer da luta.

²⁹ A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, ‘açãocultural’ para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles. Pedagogia do Oprimido. Paulo Freire.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Fundação Konrad Adenauer – *Participação Cidadã: novos conceitos e metodologias*: Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2004.

FREIRE, Paulo – *Pedagogia do Oprimido*, 13ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1983.

GADOTTI, Moacir. *PAULO FREIRE: uma biobibliografia/Moacir Gadotti*. – São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996

MENDONÇA, Tereza Cristina de Miranda. Tese de mestrado; Turismo e Participação Comunitária: “Prainha do Canto Verde, a “canoa” que não quebrou e a “fonte” que não secou?”. URFJ-Universidade do Brasil. Rio de Janeiro, 2004

TEIXEIRA, Elenaldo Celso - *O Local e o global: Limites e desafios da participação*. São Paulo: Cortez; Recife: EQUIP; Salvador: UFBA, 2001.

ARTIGOS

NÓVOA, Antonio - Revista Nova Escola, agosto 2002

TORO, Bernardo - Revista nova Escola, agosto 2002

MORIM, Edgar - Revista Nova Escola, agosto 2002

Informativo; Terra Livre Gente Livre nº 0, 01 e 02; Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos. Arquidiocese de Fortaleza – 1984 e 1985.

Relatórios: 1º semestre de 1991. 2º semestre de 1992 - Centro de defesa e Promoção dos Direitos Humanos. Arquidiocese de Fortaleza.